



“A SUA VAGA É PRA ZELADOR, NÃO É?” O LUGAR DO HOMEM NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E TENSÕES

**“Your job is for the janitor, isn’t it?” Man's place in Childhood Education
teaching: challenges and tensions**

Eliana Maria **FERREIRA**
Pedagoga – Núcleo de Educação Infantil
Doutora em Educação
Universidade Federal da Grande Dourados
Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil
eliana.anaeli@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5028-9418> 

Claudemir Dantes da **SILVA**
Pedagogo – Núcleo de Educação Infantil
Universidade Federal da Grande Dourados
Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil
claudantes@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2473-4415> 

Clóvis **IRALA**
Pedagogo – Núcleo de Educação Infantil
Universidade da Grande Dourados
cir.ala@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5009-4963> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões sobre a experiência profissional de homens na educação infantil, espaço essencialmente feminino, a partir dos relatos de dois professores concursados nesse nível da educação básica, retratando não somente a fase inicial de suas trajetórias como também as experiências do percurso. A fonte utilizada foi o resultado de entrevistas gravadas com roteiro semiestruturado, que permitiram uma aproximação com a teoria figuracional de Norbert Elias, mais especificamente, com o conceito de *poder*, discutido pelo autor, que tornou possível analisar como os discursos e as práticas, no interior das instituições de educação que atendem as crianças pequenas, marginalizam e maximizam estereótipos que impactam sobremaneira na vida pessoal e profissional desses docentes.

PALAVRAS-CHAVE: Homem. Infantil. Poder.

ABSTRACT

This article presents reflections on the professional experience of men in the area of early childhood education, a female space, based on two teachers who took part in this level of basic education, portraying not only the initial phase of their trajectories, but also the experiences of the course. As sources used were the result of interviews recorded with a semi-structured script that allowed an approach with the figurative theory of Norbert Elias, specifically, with the concept of power, discussed by the author, which presents the way of display and how speeches and practices, within educational institutions that assist children, marginalized and maximized are those that impact on the personal and professional lives of these teachers.

KEYWORDS: Man. Childhood. Power.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo analisar os relatos de dois professores¹ que atuam na educação infantil da rede municipal de educação da cidade de Dourados- MS. Considera-os atentando-se em suas trajetórias profissionais e destacando elementos que, no início de suas carreiras, traduzem ações discriminatórias e preconceituosas sobre a atuação dos docentes na educação das crianças pequenas.

Foram realizadas entrevistas com roteiro semiestruturadas, concedida pelos docentes ao grupo GEPEIND - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil de Dourados/MS. Grupo autônomo, que desde junho de 2017 tem se reunido uma vez por mês para dialogar, estudar e debater sobre a educação infantil em seus mais variados aspectos. O grupo é formado por professoras e professores da educação infantil de Dourados e de municípios vizinhos, professoras e professores em formação (alunas/os da pedagogia), coordenadoras e coordenadores pedagógicos, além de pesquisadoras de universidades públicas e privadas da cidade de Dourados. As entrevistas foram concedidas em outubro de 2019, durante a reunião ordinária do grupo e, inicialmente não havia a intenção de publicação, pois a temática era apenas mais uma das discussões que o GEPEIND propunha. No entanto, diante da possibilidade de publicação, resolvemos tornar público os dados, após conversa prévia e assinatura de termos de consentimento livre-esclarecido por parte dos docentes implicados, que neste relato aparecem com nomes fictícios.

As referências teóricas com as quais optamos por dialogar são de autoras dedicadas à educação infantil e aos estudos de gênero, juntamente com uma aproximação com Norbert Elias, sociólogo alemão, autor da teoria do Processo Civilizador, que buscou explicar como o comportamento humano vai se transformando ao longo dos séculos – de forma não intencional e como somos influenciados por elementos de coerção externos, que nos levam a controlar nossos impulsos e emoções, de modo a desenvolvermos um comportamento mais civilizado (ELIAS, 2011).

Diante da vasta contribuição teórico-conceitual do sociólogo, optamos por dialogar com o conceito de *poder*, por sua vez, apresentado pelo autor, sempre de forma relacional e fruto das diversas teias de interdependências, (ELIAS, 2008) a que todos nós somos vinculados.

¹ O artigo está considerando pedagogos que atuam como professor regente (titular da turma), embora o texto também apresente relatos, de um dos entrevistados, sobre sua experiência na coordenação pedagógica.

Ao longo da história, culturalmente, foram definidos lugares e funções para homens e mulheres. Para elas, a função de ser mãe, cuidadora dos filhos e da casa, enquanto que para eles, o lugar de 'provedor' e gestor financeiro da família, estabelecendo, desse modo, "um princípio hierárquico, segundo o qual o trabalho exercido por homens tem valor maior que o trabalho exercido por mulheres" (MONTEIRO; ALTMANN, 2014, p.05). No mais, mesmo considerando que processualmente essa hierarquia tem sido tensionada e as mulheres têm ampliado espaços no mercado de trabalho, por exemplo, elas terminaram acumulando algumas funções, quais sejam: o cuidado da casa, dos filhos e o trabalho remunerado fora dos lares.

Vivemos em uma sociedade marcadamente patriarcal, que coloca a mulher numa posição secundária, minimizando seu papel social e político. Contudo, nossa história recente (a partir da década de 60), nos conta que graças, principalmente aos movimentos sociais, como o movimento feminista, as mulheres têm ocupado importantes espaços de decisão e equilibrado um pouco mais a balança de poder² entre homens e mulheres.

Pode-se dizer que as funções se cristalizaram ao longo do tempo para homens e mulheres. No que se referem a elas, os aspectos de educação/cuidado³ da criança, também nas instituições de atendimento à criança pequena e, em particular, nos centros de educação infantil, desde os primórdios e ainda hoje, majoritariamente são feitos por mulheres, não somente no Brasil como também no exterior, como nos mostra Rosemberg (1999):

A educação infantil - tanto na vertente da creche, quanto na vertente da pré-escola - é uma atividade historicamente vinculada à "produção humana" e considerada de gênero feminino, tendo, além disso, sido sempre exercida por mulheres, diferentemente de outros níveis educacionais [...] (ROSEMBERG, 1999, p.11).

A educação da criança pequena, como pontuado pela autora, há mais de vinte anos teve seu alicerce assentado em relação à maternidade e ao viés doméstico, ambos vinculados ao feminino. Diante de tais constatações, poderíamos problematizar, ainda

² Sob a perspectiva de Norbert Elias, as disputas pelo/ou de poder são estabelecidas no núcleo dos grupos sociais. A partir desta constatação, Elias desenvolve um modelo de análise das relações de poder e de interdependência e o denomina de "balança de poder", o que nos remete à instabilidade.

³ Considerando a (in) dissociabilidade nas ações de 'cuidado e educação', ao citar essas duas palavras, não utilizarei o termo 'e', mas colocarei uma '/' formando uma só palavra, nesse caso, a barra indica itens que possuem relação entre si.

que de forma breve; quais motivos levaram a mulher para a educação infantil? De que modo se deu essa percepção de que a educação infantil pertence ao universo feminino?

Na tentativa de responder as questões acima, nos apoiaremos nos estudos realizados por Arce (2001, p. 170), que discutiu em sua pesquisa de mestrado sobre o profissional que atua na educação infantil.

[...] a constituição histórica da imagem do profissional de educação infantil tem estado fortemente impregnada do mito da maternidade, da mulher como rainha do lar, educadora nata, cujo papel educativo associa-se necessariamente ao ambiente doméstico, sendo, assim, particularmente importante nos primeiros anos da infância.

Os conceitos de mito da maternidade da “mulher como rainha do lar” e “educadora nata”, representam imagens construídas ao longo da história e idealizadas do ser mulher. Contudo, a pesquisadora adverte sobre a necessidade de estudos sobre a feminização do magistério em virtude de uma ocupação quase que absoluta dos cargos de professor de educação infantil por mulheres, desde o surgimento da modalidade (ARCE, 2001).

Dialogar a partir desses apontamentos, implica observar que a educação das crianças pequenas, formulada ao longo da história, traz indícios de uma narrativa que culmina na educação infantil, hoje, legalmente institucionalizada, como resultado de um processo moroso e de longa duração.

Isto posto, este texto está dividido em duas seções das quais a primeira buscamos sucintamente apresentar a educação infantil na contemporaneidade, a partir de documentos regulatórios. Também fizemos um esforço de destacar aspectos que na atualidade representam atitudes preconceituosas em relação a figura do homem atuando na educação infantil, principalmente no contexto atual, no qual pode-se perceber constantes ameaças e retrocessos apoiados principalmente por setores conservadores, ligados ao governo.

Na segunda seção, apresentamos os relatos dos docentes procurando analisá-los à luz dos referenciais aqui destacados, atentando para as suas trajetórias profissionais e aos discursos opressores, por vezes velados, ou proferidos de forma explícita, que maximizam relações de poder e marginalizam os homens nas ações de cuidado e educação das crianças na educação infantil.

EDUCAÇÃO INFANTIL NA CONTEMPORANEIDADE: ASPECTOS LEGAIS

A educação infantil, como qualquer outra etapa da educação básica, apresenta na sua constituição elementos complexos que dialogam nas vertentes históricas; suas políticas, suas práticas e sua profissionalização. Podemos pensar, então, no mundo social formado por particularidades que compõem a cultura e as posições que cada indivíduo e grupos ocupam nas estruturas sociais e institucionais.

No cabedal das políticas públicas, implica apontar que algumas leis trouxeram encaminhamentos importantes para a construção do campo. Inclusive, podemos dizer que algumas delas representam um divisor de águas entre uma educação infantil com viés assistencial ou preparatório para a escolarização subsequente, e a emergência de um novo momento, no qual as ações de cuidado/educação aparecem de forma mais expressiva e praticadas por profissionais habilitados. Nestes termos, destacamos a Constituição Federal de 1988, art. 208, que legitimou como direito da criança pequena o acesso à educação em creches e pré-escolas. De igual modo essa lei atribuiu ao Estado o dever para com a oferta de educação infantil, na qual a criança passa a ser concebida como sujeito de direitos.

Em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA ratifica os dispositivos enunciados na Constituição Federal, assegurando à criança os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, a partir de todas as oportunidades e facilidades, proporcionando o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social em circunstância de liberdade e dignidade (BRASIL, 1990).

Em 1996, a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394/96, regulamentou no Art. 29 o direito à educação infantil, considerando-a como a “[...] primeira etapa da educação básica, [que] tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até (5) cinco anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

Não podemos deixar de destacar que a promulgação da LDB trouxe significativos avanços para a construção do conceito de criança e, automaticamente, alterou o modo de se conceber a educação infantil. A proposição da criança como cidadão de direitos e sujeito de cultura ganha contornos mais bem delineados na Resolução nº. 5, de 17 de dezembro de 2009 que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010) e as define como sendo um

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura". (BRASIL, 2010. p.12).

Essa nova compreensão sobre as crianças garantidas a partir de então, ao menos no papel, valoriza a identidade e a autonomia de meninas e meninos enquanto indivíduos que atuam socialmente. Considerá-las nesta perspectiva é possibilitar-lhes o papel de protagonistas, ou como a própria Diretriz Curricular para a Educação Infantil (2010) define, como o centro na ação pedagógica.

Pensar a educação infantil na contemporaneidade, considerando os aspectos legais, é trazer para o cerne das discussões, além dos conceitos de infância, criança e os contornos de uma profissão majoritariamente feminina, também a presença dos professores, que embora representem um número bastante reduzido, são reais. Assim, é urgente que se promova e amplie o diálogo cotidiano nas creches, na tentativa de minimizar, ou mesmo abolir a visão binária e preconceituosa, quanto à presença desses profissionais.

É importante que aprofundemos a discussão sobre a presença masculina na educação infantil, não necessariamente defendendo um lugar para homens em oposição às mulheres, mas sim, com o intuito de desmistificar a ideia de lugares, profissões e obrigações demarcadas previamente por uma história guiada por modelos e padrões de comportamento que desconsideram as várias possibilidades de ser homem e mulher (FERREIRA; OLIVEIRA, 2016).

No Brasil, como no restante do mundo, a escola foi inicialmente uma instituição masculina, entretanto, das marcas mais profundas, significativas e permanentes que temos, está o processo de feminização do magistério, um lugar no qual as mulheres ganharam notoriedade e supremacia em relação aos homens. Tornar o magistério não só uma profissão feminina, mas feminizada foi uma estratégia necessária para atender aos ideais de uma sociedade em construção (FERREIRA, OLIVEIRA, 2016). Observamos que a carreira na educação nasceu "masculina" e, historicamente, foi se tornando feminina, no entanto no que se refere a educação infantil, não foi bem isso o que ocorreu, já que desde os primórdios, até então, o cuidado/educação das crianças foi feito por mulheres.

Cardoso (2007), apresenta um estudo, fruto da dissertação de mestrado, em que trata as marcas da identidade de professores homens no trabalho docente com crianças, "embora construam sua identidade de professores homens em processos contínuos de

resistência e acomodação às normas culturalmente construídas sobre homens e mulheres, os professores homens não identificam o magistério como uma profissão feminina” (CARDOSO, 2007, p. 16).

Entretanto, como afirma Souza (2015), pode-se observar que os homens que optam pela docência na educação infantil dificilmente seguem carreira. “Não se ouve falar de homens que tenham se aposentado como professores de educação infantil” (SOUZA, 2015, p. 7). O autor afirma que mesmo que passem algum tempo como docentes, geralmente direcionam-se para outros cargos nas secretárias de educação, coordenação ou supervisão pedagógica. Percebemos que alguns discursos continuam ditando regras e corroboram a construção das representações sobre a docência, em especial na educação infantil.

AS VOZES DOS DOCENTES: ENCONTROS, DESENCONTROS E RELAÇÕES DE PODER

Hoje, os dados estatísticos apontam que os homens representam apenas 3,4% de docentes nas instituições de educação infantil no Brasil⁴ (INEP/2017), ou seja, é bastante perceptível que há uma feminização das funções docentes desses espaços. E mais, nesse caso, há também um desequilíbrio na balança de poder, de acordo com Elias (2000) que se move na direção desse grupo social, qual seja: o das mulheres e que agora marginaliza e até estigmatiza os poucos homens que atuam em creches e pré-escolas.

O conceito de poder em Elias (2000), não se trata de algo isolado e unilateral, mas, compreende um construto social que precisa ser concebido considerando os aspectos relacionais. O que determina o poder, caracterizando-o como instável, pode ser representado por uma balança que pende para um ou outro lado à medida que os indivíduos se movimentam no interior dos grupos sociais. Elias (2008) destacou que a palavra “poder” pode remeter a um significado negativo, considerando que ao longo da história das sociedades humanas aquele ou aqueles que dispunham de condições maiores de poder, faziam uso de tal condição e, comumente estabeleciam relações de opressão, pois nem todos dispunham de igual privilégio.

⁴ Na cidade de Dourados MS, segundo a SEMED- Secretária Municipal de Educação, nos 38 Centros de Educação Infantil e nas 27 escolas, há apenas 3 pedagogos (homens) concursados e que atuam com as crianças entre três e cinco anos.

Seguindo a lógica do autor, os indivíduos exercem poder de forma recíproca, no entanto, existem pessoas ou grupos sociais que dispõem de maiores espaços de poder e, conseqüentemente, de uma quantidade de elementos dos quais outros grupos necessitam, ou nas palavras de Elias (2008) "Quando a alguém, ou grupo, falta algo que outro alguém ou grupo possui, o último desempenha uma função relativamente ao primeiro" (ELIAS, 2008, p.85). Desse modo, podemos pensar que as relações que se constituem nas escolas e instituições de educação infantil, entre o professor recém chegado e as pessoas (coordenação, gestão, demais colegas) que já estão na instituição há mais tempo, elucidam bem esse aspecto, pois por serem já estabelecidas, dispõem de elementos de poder que as favorece e que se tornam ainda mais visíveis à medida que o espaço institucional revela-se genuinamente feminino.

Nesse sentido, e para ampliar a discussão em que nos propomos neste artigo, passamos agora a analisar fragmentos que relatam a experiência profissional dos professores Lucas e Fernando, que atuam na educação infantil, tanto nas práticas quanto na gestão.

Importa, neste momento, sucintamente apresentar os docentes como profissionais do magistério, pedagogos habilitados em educação infantil e anos iniciais, formados em 2001 e 2004, respectivamente. O professor Lucas viveu parte de sua infância no sítio próximo ao município de Vicentina-MS, mudando-se para Dourados quando cursava o último ano do ensino médio (1998), para ingressar no seminário diocesano. A escolha pela pedagogia não se deu por vontade própria, considerando que todos os seminaristas faziam esse curso. Após o término da graduação e também já fora do seminário, Lucas se dedicou à docência, inicialmente com as crianças do ensino fundamental e, posteriormente, na educação infantil na qual permanece até então.

Durante sua trajetória acadêmica, segundo Lucas, buscou ampliar conhecimentos por meio de cursos de pós-graduação. Primeiramente, cursou especialização em Docência na Educação Infantil, mestrado em educação e, atualmente, está em fase conclusiva de sua tese de doutorado em educação (UFGD- Universidade Federal da Grande Dourados), momento em que se encontra em situação de afastamento do trabalho, para dedicação à pós-graduação.

O professor Fernando viveu parte de sua infância no Rio Grande Sul, migrando para Dourados já adulto. Sua escolha pelo curso de pedagogia começou a ser gestada durante o período em que atuou como educador social, em um programa da assistencial social no município de Dourados, chamado Sentinela e que tinha como objetivo o enfrentamento à violência sexual de crianças e adolescentes. Durante esse período, de

acordo com o Fernando, foi influenciado e incentivado a cursar pedagogia, por uma professora, com quem atuou conjuntamente e que, embora estivessem juntos no Programa Sentinela, a referida professora era lotada na SEMED- Secretaria Municipal de Educação, na educação infantil e estava cedida para a Secretaria de Assistência social.

A trajetória acadêmica de Fernando também perpassa pelo curso de pós-graduação, já que o docente cursou mestrado em educação (UFGD) e atualmente, além de atuar na educação infantil, leciona em uma instituição de ensino superior da rede privada, no curso de pedagogia.

Procuramos nos atentar ao percurso profissional dos professores, desde quando assumiram o cargo público, momento tenso de suas carreiras, perpassando pela relação com a gestão das instituições nas quais atuaram, constituídas essencialmente por mulheres, pela relação com as famílias e, em especial, pelas relações com as crianças.

Ao assumir o cargo público⁵ em 2011, e entrar em contato com o núcleo de educação infantil da secretaria municipal de educação da cidade onde moro, para saber sobre o meu encaminhamento para o CEIM, onde assumiria a vaga, uma das funcionárias me olhou e indagou: "A sua vaga é para zelador, não é?". Respondi: não, é para professor mesmo! Ela me olhou meio sem graça e encaminhou meu atendimento para outra profissional do núcleo (LUCAS, 2019).

No relato acima, podemos identificar indícios de estranhamento quando o professor rebateu a pergunta feita pela atendente, esclarecendo que a vaga, na qual buscava, era de docente, e não de zelador. Este excerto evidencia o quanto a educação infantil é vista com espaço basicamente feminino, o que implica no reforço de estereótipos, como podemos perceber através da indagação feita pela funcionária do núcleo.

Ressaltamos que ao iniciarmos este artigo, comentando sobre as mulheres, bem como a função naturalizada que lhe foi atribuída (ARCE, 2001), principalmente no que se refere ao trato com as crianças, causa estranhamento a muitas pessoas o fato de um homem estar assumindo cargo público como docente, para cuidar/educar crianças pequenas. Tal estranhamento pode ser também notado nos cursos de pedagogia, majoritariamente povoados por mulheres. Além disso, conforme Cruz (1998) é maior a incidência de homens ocupando cargos como os de zeladores, vigias, agentes patrimoniais dos CEIMS e escolas, o que pode ter levado à conclusão equivocada da

⁵ A expressão utilizada pelos depoentes foi 'assumir concurso', no entanto, com a devida ciência e autorização dos mesmos, utilizamos em todo o texto a expressão 'cargo público'.

funcionária, embora não deixe de desvelar a feminização desses espaços, em detrimento à especificidade docente para atuação e que, por sua vez, transcende o gênero.

O comportamento da funcionária do núcleo de educação infantil nos leva à percepção de que

A escolha profissional dos professores também foi questionada, considerada como uma transgressão à norma instituída. Ao mesmo tempo, a presença dos homens na docência na educação infantil causou uma ruptura, ainda que de forma restrita, com noções de masculinidade evidenciadas na comunidade e com a expectativa de perfil do docente que optou por atuar na educação infantil (MONTEIRO; ALTMANN, 2014, p.12).

De forma intencional ou não, a situação relatada pelo docente e também analisada em outro caso similar por Monteiro e Altmann (2014), entende-se que houve uma situação de preconceito, que coloca à prova inclusive a escolha da profissão, no caso, a pedagogia. Outro aspecto importante é que há noções de masculinidade que são social e culturalmente construídas, nas quais a presença do homem, tanto na formação inicial, quanto na educação infantil pode desencadear uma série de questionamentos, inclusive relacionados à sua orientação sexual, além de tantas outras situações de constrangimento e segregação.

Em outro trecho, ainda abordando sobre o contato inicial dos docentes, onde foram direcionados para o CEIM e para a escola, os professores fazem a seguinte narrativa:

A coordenadora do núcleo de educação infantil perguntou em qual CEIM eu havia assumido a vaga. Assim que respondi, as profissionais se olharam, como se eu não tivesse feito uma boa escolha. Embora essa tenha sido minha interpretação das expressões gestuais e corporais daquelas pessoas, tal interpretação foi confirmada, pois diante dos meus olhos, ao entrarem em contato, via telefone, com a coordenadora do referido CEIM, a mesma disse que não me queria por lá, pelo fato de eu ser homem. Como o telefone estava com o som bastante alto, pude ouvir, constrangido, parte da conversa. A coordenadora do CEIM disse que o fato de ser um homem iria trazer problemas para ela, problemas com as mães e que, por isso não me queria por lá. A coordenadora do núcleo, bastante constrangida, já que sabia que eu estava ouvindo toda a conversa, disse: "não se trata de você querer ou não, pois é um professor concursado, portanto é um direito adquirido dele de assumir o cargo, aí, considerando a proximidade com a casa dele". A conversa seguiu um pouco mais e fui encaminhado para a instituição (LUCAS, 2019).

[...] fui orientado pela Secretaria que me apresentasse à direção da escola. A acolhida por parte da direção não foi muito agradável, nem favorável à minha presença. Realizadas as formalidades de apresentações, informei que estava lá para conhecer a escola e para que ela assinasse o termo de posse do exercício, que é um documento que precisamos deixar na secretaria. Minha surpresa, espanto, foi quando a diretora me informou que lá não havia nenhuma vaga para

professor de Educação infantil e muito menos na turma do Pré. Nesse momento não consegui ter acesso sequer aos demais professores que lá já atuavam, para que eu pudesse estabelecer um diálogo e saber qual a maneira que eles faziam para se locomover até a escola, considerando que esta está localizada a 24 quilômetros da cidade de Dourados. Nesse momento, fui barrado pela diretora, não fui acolhido e não consegui sequer subir um degrau das escadarias para adentrar a escola. Da porta da escola, retornei até a SEMED, bastante indignado e frustrado, relatei ao setor responsável da secretaria que contatou a diretora e no dia seguinte deveria retornar para a escola (FERNANDO, 2019).

Ao analisarmos os relatos dos professores, um elemento que nos chama bastante atenção é o fato de, mesmo sem conhecer o professor pessoalmente, a coordenadora do CEIM disse que não o aceitaria na instituição, o mesmo comportamento adotado pela diretora da escola⁶. Sem julgarmos a postura das gestoras, suas atitudes nos fazem refletir sobre as motivações que as levaram a ter tal atitude, já que por ter contato com as famílias, podiam prever eventuais entraves, quando da entrada dos docentes no CEIM e na escola, muito embora, compete também às gestoras e gestores que busquem formas de enfrentamento e discussão de ruídos e resistências dos familiares diante de um professor cuidando/educando as crianças.

A presença dos profissionais em questão poderia ser o estopim para uma série de questionamentos e tensões entre a comunidade e as instituições, podendo ser muito bem aproveitado buscando, na dialogia das relações, diluírem preconceitos e estereótipos que eventualmente surgissem. Além do mais, a chegada de um homem para uma função que, até então havia sido desenvolvida por mulheres, reforça nos professores um perfil de *outsiders*, no caso à mercê das normas e regras impostas pelo grupo estabelecido Elias (2000). No mais, de acordo com a abordagem *eliasiana*, podemos considerar que os padrões de comportamento social, demonstrados na/pela fala das gestoras são produtos de uma estrutura presente, cuja tentativa é manter o desenho de características que se mantém ao longo da história, nesse caso, a presença das professoras na educação infantil, como forma de não se contrapor às famílias.

Outro aspecto sobre o qual podemos refletir relaciona-se à acolhida ao 'novo' docente, afinal, mesmo que os profissionais que assumem o cargo público, em sua grande maioria, possam já contar com experiências prévias, trata-se de um novo momento em suas vidas, assim, uma boa recepção, cuidadosa e respeitosa, pode fazer uma expressiva diferença nas experiências iniciais da carreira do docente. No caso, "não ficou evidente a contribuição da equipe gestora na aprendizagem da profissão ou uma

⁶ Em Dourados-MS, algumas escolas atendem crianças da educação e essas instituições são dirigidas por diretoras/es, já nos CEIMS não há essa função, mas existem coordenadoras/es, que desempenham tanto a função administrativa quanto pedagógica.

preocupação com o desenvolvimento profissional do professor que ingressava na carreira” (MONTEIRO; ALTMANN, 2014, p.10). Nos relatos dos professores, esse elemento é muito percebido, principalmente quando chegaram às instituições.

No meu primeiro contato com o CEIM onde assumiria o cargo público, a coordenadora me recebeu e explicou como funcionava o CEIM e o perfil das famílias. Em seguida, me passou uma data para a primeira reunião do grupo, onde seria feita a lotação nas salas. Lembro-me que ela me passou o horário das 09 da manhã, no entanto para as professoras que já eram do CEIM passou o horário das 8, ou seja, quando cheguei à reunião, já haviam feito a lotação e para mim, havia sido designado uma sala de bebês de pouco mais de 01 ano. Eu imediatamente me posicionei, demonstrando meu descontentamento, pois o combinado era que eu assumisse uma turma de pré-escola, já que se tratava da minha primeira experiência na educação infantil. A posição da coordenadora foi irredutível, assim pedi licença e me retirei da reunião, retornando à SEMED, que por sua vez, me encaminhou para outro CEIM, que embora do lado oposto à minha casa, fui muito bem acolhido pela coordenadora e demais funcionários e assumi uma vaga na turma de pré-escolar- 4 a 5 anos (LUCAS, 2019).

[...] Dia 31 de julho de 2007, retorno novamente à escola com documento em mãos (termo de posse), porém mesmo sabendo da agenda, a diretora não se encontrava na escola, se encontrava em Dourados. Enfim, com bastante dificuldade, na terceira tentativa no gabinete do secretário de educação, foi possível a diretora assinar o meu termo de exercício e fui lotado na instituição, assumindo o cargo público na Educação infantil como professor regente da sala do pré I e II (FERNANDO, 2019).

Ao refletirmos sobre o modo como o novo profissional foi recebido, a experiência poderia ter assumido outro sentido, caso fosse focada na conversa e na acolhida. Podemos inferir que o fato de direcionar o professor, totalmente inexperiente, sem diálogo prévio, para uma turma de bebês, da qual se exige uma especificidade na ação pedagógica, pode ter sido estratégico com a intenção de que o docente desistisse de assumir a turma, considerando ainda que a coordenadora já havia sinalizado o desinteresse pelo profissional em conversa telefônica com o núcleo de educação infantil.

O mesmo ocorreu quando a diretora da escola, mesmo com agenda prévia, não esteve presente para receber o professor Fernando. É importante salientar, mais uma vez, que por ser um campo pouco povoado por professores, convém um esforço, no sentido de diminuir tensões e situações constrangedoras e mais, atentar-se ao fato, de não ‘terceirizar preconceitos’, atribuindo-os às famílias, por exemplo, quando na verdade podem estar partindo das próprias gestoras, como evidenciado no caso corrente.

Os relatos de Lucas e Fernando apontaram de modo bastante positivo sobre as famílias, pois os docentes retrataram sua relação, principalmente com as mães, que embora inicialmente possam ter demonstrado algum estranhamento, durante o transcorrer do trabalho, não apenas passaram a demonstrar respeito, como também se

tornaram parceiras dos profissionais, evidenciando que ao atribuir às famílias a responsabilidade por eventuais problemas relacionais com o professor, a coordenação o faz à revelia de como essas relações de fato possam ser construídas.

O fragmento abaixo aponta que a relação entre essas instituições (família e educação infantil), embora desafiadora, pode ocorrer de forma complementar e compartilhada, desde que haja um esforço coletivo de todos os agentes envolvidos e, no caso de homens, ocupando vagas na docência, requer também o cuidado no sentido de eliminar preconceitos ou estereótipos construídos de forma equivocada e machista.

Um fato que muito me marcou, principalmente porque foi meu primeiro ano atuando na educação infantil, justamente o ano que a coordenadora justificou não me querer na instituição, porque teria problemas com os pais, foi que, ao chegarmos no fim do ano, as mães se reuniram e fizeram uma homenagem para mim, como se fosse uma despedida, pois as crianças saíam do CEIM e iriam para a escola, para o pré II. Foi uma manhã muito alegre, onde aproveitei para ouvi-las um pouco sobre o trabalho desenvolvido com seus filhos e as devolutivas foram muito importantes para minha autoavaliação, marcando positivamente minha trajetória na educação infantil, talvez por ser o primeiro ano com as crianças pequenas (LUCAS, 2019).

Sandra (mãe de Pedro) acompanhou o processo de acolhida no início do ano na escola. Foi sempre presente [...] e até hoje, ainda faz elogios ao professor da educação infantil. Para ela, a acolhida inicial realizada [...] foi de muito respeito às crianças e às suas singularidades. Ela confiou muito no processo de desenvolvimento do seu filho e se sentiu segura em deixar a criança sob os nossos cuidados. Na conclusão do ensino fundamental, a mãe, em suas redes sociais, fez publicações e mais uma vez citou o primeiro professor do seu filho na educação Infantil. Hoje, adolescente, Pedro está matriculado na rede estadual de Dourados, no 2º ano do ensino médio [...]. Essa família, nas festividades da escola e abertas à comunidade, é presença certa e o diálogo é sempre de carinho, respeito e agradecimento. Uma relação que transcendeu aquele momento histórico e ainda perdura (FERNANDO, 2019).

A relação entre escolas, CEIMS e famílias, é sempre desafiadora, ocorre de forma bastante contingencial, em datas e horários predefinidos, onde muitas vezes são direcionados diálogos relacionados ao comportamento das crianças, as regras institucionais, dentre outros assuntos, quase nunca alinhados ao currículo da instituição, ou que incidam no mesmo, Silva (2015). O relato dos docentes pode nos fazer refletir sobre isso, compreendendo que quando se busca um diálogo com as famílias desde o início do ano, período de adaptação para todos, e também durante o ano, pode se tornar mais tranquilo o processo, onde os grupos familiares terão suas vozes ouvidas, que inclusive podem ter reflexo nas propostas de vivências com as crianças. Assim, a escola e o CEIM têm a possibilidade de construir e ampliar os conhecimentos das crianças, em dialogia com suas práticas sociais, já que a família é partícipe desse percurso que, a propósito, é formativo para todos os envolvidos.

O professor Lucas, durante a sua trajetória mais recente, esteve à frente de um centro de educação infantil, como coordenador administrativo e pedagógico e, durante esse período, também narrou situações embaraçosas e que mostram o quanto é social e culturalmente consolidada a ideia de que os espaços da educação infantil são essencialmente femininos.

Sobre o período em que estive na coordenação, inúmeros foram os momentos em que fui indagado sobre o lugar que ocupava à frente de um CEIM. Várias pessoas chegavam dizendo que gostariam de falar com a coordenadora ou com a diretora. Mesmo insistindo se poderia ajudar, a maioria era enfática ao responder que não, pois o assunto era mesmo com a coordenadora ou diretora, aí então eu me apresentava e convidava a pessoa para a sala da coordenação. Algumas chegavam a pedir desculpas e a dizer com espanto, que não é comum ter uma pessoa do sexo masculino na coordenação de uma creche (LUCAS, 2019).

É fato que ter um homem na coordenação de uma creche para as famílias não era comum. Lucas chegou a mencionar, que dos 38 CEIMS em funcionamento na cidade⁷, apenas um era coordenado por um professor, no caso, o CEIM coordenado por ele. Mesmo destacando algumas situações, como o relato acima, o diálogo inicial entre a coordenação e as famílias diluía os estranhamentos que pudessem surgir e estreitava a relação família/CEIM, fundamentalmente importante.

Em relação ao seu contato com as crianças da pré-escola, um dos docentes fez uma narrativa retratando as relações do cotidiano com as crianças, relação mediada pelo aprendizado empírico, já que para as crianças o fato de ser homem, não interferia nas relações, muito menos na qualidade e prazer oportunizado pelas vivências e experiências do cotidiano do CEIM. Segue o fragmento:

As minhas experiências com as crianças foram muito tranquilas, no entanto, desafiadoras, pois assim que ingressei no CEIM não tinha experiência com as crianças pequenas. Mas com o passar do tempo e a partir da tessitura das relações entre mim e elas, fui aprendendo em diálogo com a teoria, a repensar o lugar que ocupava frente às crianças e passando a atribuir a elas um lugar mais central. Para mim, foi como se fosse uma ruptura bastante desafiadora, mas muito interessante (LUCAS, 2019).

É possível refletir sobre o relato do docente, atentando para o lugar do professor e da professora frente às crianças, pois um dos importantes documentos norteadores da educação infantil no Brasil, a DCNEI (2010), aponta que as crianças precisam assumir um lugar central nas ações do cotidiano. Esse elemento é importante e bastante desafiador, como destacado por Lucas, para os/as envolvidos/as com esse trabalho,

⁷ Esse número foi confirmado pela SEMED- Dourados.

pois comumente e ao largo processo histórico, as ações centraram-se no/a docente, em detrimento às crianças, suas vozes e múltiplas formas de linguagem. Ao nos deparamos com o relato acima, podemos ressaltar o papel da formação inicial de qualidade, da formação em serviço, bem como da formação especializada, possível a partir dos cursos de pós-graduação, que podem servir como subsídio básico necessário para lidar com as demandas do cotidiano das instituições de educação infantil, observando e atentando-se de forma sensível para as singularidades das crianças e suas diferentes formas de ver o mundo. O relato abaixo nos mostra um pouco desse potencial.

Houve uma situação em que as crianças saíram do refeitório, pós-almoço e no retorno para a sala, ao cochicharem entre si, correram para uma parte do pátio onde havia muito mato e, então, algo lhes chamou a atenção. Como as chamei mais de uma vez e 'não me ouviram', fui até elas para trazê-las de volta para a sala. Para minha surpresa estavam encantadas com as abelhas que polinizavam as pequenas flores dos arbustos, a propósito, pequenas demais para serem relevantes para mim. Assim, tratei logo de tirar as crianças dali, como o argumento de que as abelhas podiam ser perigosas e que poderiam lhes causar danos. Hoje ao contar essa história, chego à conclusão de que as crianças não puderam desfrutar totalmente daquele momento tão interessante e de tantas descobertas, já que o professor, partindo de uma relação de poder vertical, impôs as crianças que interrompessem sua 'pesquisa de campo', embora, ao chegar à sala, tenha sido surpreendido com um 'buquê' de flores, daquelas, que as abelhas polinizavam e que agora passavam a assumir outro valor (LUCAS, 2019).

O excerto nos mostra o quanto o processo formativo docente pode possibilitar a revisão de práticas e concepções. O docente deixa explícito que foi capaz de avaliar o seu trabalho, redirecionando o olhar para as singularidades e especificidades das crianças. Ao 'movimentar-se' nesse sentido, desvela um aspecto bastante relevante para quem atua na educação infantil, seja professor ou professora, a sensibilidade de atentar para as minúcias do cotidiano, que apresentam elementos das relações entre as crianças e do quanto favorecem o aprendizado e a constituição identitária das mesmas. Ademais, tal componente do perfil docente para a educação infantil poderia ser um dos elementos preocupantes para as equipes gestoras, em detrimento do gênero dos profissionais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao analisar os relatos dos dois professores que atuam na educação infantil a partir de uma aproximação com o conceito de *poder* em Norbert Elias, observamos que as relações sociais estabelecidas por eles no interior das instituições, esbarram na definição dos lugares e funções historicamente constituídas para homens e mulheres

nesses espaços. Entretanto, a balança de poder nos permite observar que as relações tecidas pelos indivíduos na sociedade, apresentam flexibilizações ocasionando transformações no decurso histórico.

Os professores, ao adentrarem em um território 'novo', podem enfrentar a hegemonia de um grupo social já estabelecido e que, por sua vez, usa de artifícios diversos para garantir tal hegemonia. A forma tensa com que os docentes foram recebidos no início de suas trajetórias profissionais elucida bem esse aspecto, evidenciando a perpetuação de modelos e padrões de comportamento 'naturalizados' ao longo da história e que atribuem às creches e pré-escolas uma característica de espaço essencialmente feminino. A resistência para a presença dos professores, atrela-se a um discurso que intencionaria minimizar possíveis tensões, originadas nas relações família/CEIM/escola, embora tenhamos visto ao longo de nossas análises que esse não foi o caso.

Desse modo, a maneira como as instituições se organizam hoje, bem como, o comportamento dos indivíduos que majoritariamente a povoam, podem estar marginalizando os homens e desconsiderando que o perfil docente precisa estar muito mais atrelado às concepções e práticas voltadas às especificidades infantis, do que aos preconceitos e estigmas que se fortaleceram ao longo da história, incidindo nos espaços, funções e práticas docentes.

O artigo apresentou que apesar das agruras narradas ao longo da trajetória, os professores mostraram que são bem sucedidos na escolha feita ao cursar a pedagogia e habilitar-se para atuação na educação infantil, contudo, cabe ressaltar que os docentes em questão, estão imersos em um processo contínuo de leituras e reflexões sobre seus fazeres, bem como sobre o lugar que ocupam junto às crianças e suas famílias, haja vista que ambos deram continuidade aos estudos, procurando cursos de pós-graduação *stricto-senso*.

Nesse sentido, ainda nos cabe uma última reflexão a partir de nosso referencial teórico, apontando que para haver um equilíbrio na balança de poder que, nesse caso, se move muito mais na direção das mulheres, as favorecendo, os homens procuram provar sua capacidade profissional e conhecimento no trabalho cotidiano e, mesmo que tenham tido dificuldades no início de suas carreiras, os relatos nos levam a crer que hoje são profissionais respeitados por toda a comunidade escolar e do CEIM, tornando bastante visível que, embora às vezes tensas, as relações de poder podem ser instáveis e se mover em diferentes direções.

REFERÊNCIAS

ARCE, Alessandra. Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, no 113. São Paulo: jul., 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/n113/a09n113.pdf>. Acesso em 22 agos.2020.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n^o 8069, de 13 de junho de 1990.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n^o 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. MEC, 2010

CARDOSO, Frederico Assis. Homens fora de lugar? A identidade de professores na docência com crianças. **30^a Reunião Anual da ANPED**. Caxambu, MG, 07 A 10 de outubro, 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/homens-fora-de-lugar-identidade-de-professores-homens-na-docencia-com-criancas>. Acesso em 17 jun. 2020.

CRUZ, Elizabete Franco. **"Quem leva o nenê e a bolsa?": o masculino na creche**. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, B. (Org.). Homens e masculinidades: outras palavras. São Paulo: Ecos, Editora 34, 1998. p. 235-255.

ELIAS, Norbert. **Estabelecidos e outsiders. Sociologia das relações de poder a partir das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de janeiro: Zahar, Ed. 2000.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2008.

FERREIRA, Eliana Maria; OLIVEIRA, Timóteo Neres de. "Fora do lugar ou um lugar novo": a presença masculina na educação Infantil. **Horizontes, Revista de Educação**, Dourados, v.4, n.7, p. 89-108, janeiro a junho 2016.

MONTEIRO, Kabilus Mariana; ALTMANN, Helena. Homens na Educação Infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. **Cadernos de pesquisa** v.144 n. 153 p. 720-741 julho./setembro. 2014.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Expansão da educação infantil e processos de exclusão**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 107, p. 7-40, jul. 1999.

SILVA, Claudemir Dantes. **Família e Educação Infantil: relações interdependentes**. Dissertação (mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande, Dourados: UFGD, 2015.

SOUZA, José Edilmar de. Homem docência com crianças pequenas: o olhar das crianças de um centro de educação infantil. **37^a Reunião Nacional da ANPED** – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis. Disponível em:

NOTAS

"A SUA VAGA É PRA ZELADOR, NÃO É?" O LUGAR DO HOMEM NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E TENSÕES

"Your job is for the janitor, isn't it?" Man's place in Childhood Education teaching: challenges and tensions

Eliana Maria Ferreira

Pedagoga – Núcleo de Educação Infantil
Doutora em Educação
Universidade Federal da Grande Dourados
Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil
eliana.anaeli@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5028-9418> 

Claudemir Dantes da Silva

Pedagogo – Núcleo de Educação Infantil
Universidade Federal da Grande Dourados
Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil
claudantes@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2473-4415> 

Clóvis Irala

Pedagogo – Núcleo de Educação Infantil
Universidade da Grande Dourados
cir.ala@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5009-4963> 

Endereço de correspondência do principal autor

Rua: Santos Dumont 520 CEP: 79820130, Dourados, MS. Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento em especial aos docentes entrevistados.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Todos os autores contribuíram substancialmente.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Foi obtido consentimento escrito dos participantes.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 14-07-2020 – Aprovado em: 09-09-2020